

Sensacionalismo e violência no discurso jornalístico: o caso do super notícia

Sensationalism and violence in journalistic discourse: the case of the super notícia

Luiz Guilherme Esteves Silva¹
Márcio Rogério de Oliveira Cano²

Resumo

Neste trabalho, propomos a análise de capas e notícias do Jornal Super Notícia com o escopo de compreender a relação interdiscursiva entre o discurso sensacionalista e o discurso violento, por meio de estratégias linguístico-discursivas. O referido jornal é conhecido por abordar assuntos como morte, sexo e violência com recorrência e de maneira exagerada. A violência é apresentada em todos os jornais, de forma mais acentuada em uns, de forma menos perceptível em outros. Já o discurso sensacionalista, que também está presente em vários jornais, coloca-se como um objeto de pesquisa promissor, considerando que não existem muitas pesquisas sobre o assunto. Dessa forma, tomam-se as capas e as notícias do jornal selecionadas durante um período de dois meses para que sejam analisadas as características particulares de cada tipo de sensacionalismo e do discurso de violência. Assim, são utilizados os pressupostos teóricos de Dominique Maingueneau visando dar base aos conceitos da Análise do Discurso, assim como Angrimani (1995), Dias (2003) e Amaral (2006) sustentarão os pressupostos teóricos dos discursos sensacionalista e violento. Reconhece-se que, no corpus constituído, esses dois discursos são constituintes do discurso jornalístico e podem fazer com que os leitores os consumam e os propaguem com maior fluidez.

Palavras-chave: *Análise do Discurso. Sensacionalismo. Discurso da Violência*

Abstract

It is purposed the analysis of covers and news from Jornal Super Notícia to comprehend the interdiscursive relation between the sensationalist discourse and the violent discourse through linguistics-discursive strategies. The above-mentioned newspaper is known by deal with subjects like death, sex and violence recurring and in an exaggerated way. The violence is approached in all newspapers, more or less steeply depending on the newspaper. Whereas the sensationalist discourse, which is also present in all newspapers, is placed as a promising object of research, considering that there are not many works about this topic. Therefore, it is selected covers and news from the newspaper in two months, aiming to analyzes the features of every type of sensationalist and violence. For this purpose, it is assumed the studies of Dominique Maingueneau about Discourse Analysis, just as Agrimani (1995), Dias (2003) and Amaral (2006) to support the present work. It is recognized that, the analyzed discourses are constituents of the journalistic discourse and can lead their readers to consume and spread this discourse easily.

Keywords: *Discourse Analysis. Sensationalism. Discourse on Violence*

Recebido em: 29/07/2020

Aceito em: 26/01/2021

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras - Departamento de Estudos da Linguagem (DEL). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8512-5376>.

² Professor do Departamento de Estudos da Linguagem (DEL-UFLA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5502-6951>.

Introdução

O presente trabalho pretende analisar como a relação interdiscursiva possibilita a construção do discurso jornalístico, tomando como seus constituintes o discurso sensacionalista e o discurso da violência, no contexto de circulação do Jornal Super Notícia. Os dizeres construídos por esse jornal, que são, em grande parte, voltados para a violência, podem contribuir para que os leitores os propaguem. Desse modo, faz-se necessária uma discussão sobre os mecanismos de produção dos enunciados presentes no veículo, seja por meio da escolha lexical, voltada para a linguagem popular, seja por meio da intensificação dos fatos.

O sensacionalismo está presente em qualquer veículo de imprensa, de forma mais aparente em alguns produtos, e de forma menos aparente em outros. Porém, ele não é aceito e quem o pratica prefere não ser associado a esse discurso, porque é um discurso que está à margem, que não é visto como o ideal para o meio jornalístico. O Super Notícia (Jornal que constitui nosso *corpus*) tem uma tendência em apresentar os fatos noticiados de maneira a intensificar o relato, criando uma linha sensacionalista e que também contribui para o discurso da violência, tanto a violência como ato, quanto a violência moral.

Dessa forma, este trabalho pretende, a partir da análise, tecer discussões que possam auxiliar na identificação de um discurso sensacionalista e violento levando em consideração as escolhas lexicais e a intensificação dos fatos noticiados. Para tanto, o trabalho se divide em uma parte teórica, na qual apresentamos os conceitos da Análise do Discurso: o interdiscurso e os discursos analisados (jornalístico, violento e sensacionalista).

A segunda parte, que compreende a análise, apresenta as capas do Jornal Super Notícia com suas respectivas considerações sobre os aspectos anteriormente citados e que podem corroborar para a construção de um discurso sensacionalista e violento. Além das capas, são apresentados recortes das notícias com o objetivo de detectar como os discursos analisados se comportam no interior dos textos.

O interdiscurso

Para Maingueneau (2015), “o discurso só adquire sentido no interior de um imenso interdiscurso” (MAINGUENEAU, 2015, p. 28). Desse modo, é necessário considerar que dentro de um discurso estão presentes vários outros, mesmo que se tome conhecimento deles ou não. Há dizeres que compreendem uma forma mais clara de serem captados e outros que se enquadram em uma dimensão mais sutil, ligados a questões do inconsciente, marcas ideológicas. É nesse sentido que tomamos o interdiscurso. Ou seja, ele representa as marcas dos dizeres de outros discursos presentes em sua constituição (MAINGUENEAU, 2005).

Para tratar melhor da questão, Maingueneau propõe uma tríade em que conceitua os termos: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. O Universo Discursivo é tido como um “conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada” (MAINGUENEAU, 2008, p. 35). É um conjunto amplo e que não pode ser apreendido em sua totalidade. Para o analista do discurso, esse conjunto serve apenas para delimitar os outros domínios.

O segundo termo, campo discursivo, diz respeito a “um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitando-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo” (MAINGUENEAU, 2008, p. 35). Essa concorrência pode ser definida tanto por confronto quanto por aliança. Sendo pertencentes a uma mesma formação social, se diferenciam na maneira como são preenchidos, por isso a relação de confronto ou aliança. Como não é possível analisar o campo discursivo de maneira geral, recortam-se os subcampos para a formação dos espaços discursivos.

Os espaços discursivos são “subconjuntos de formações discursivas que o analista julga relevante para seu propósito colocar em relação” (MAINGUENEAU, 2008, p. 37). Ou seja, são recortes feitos com objetivos específicos para as análises, do ponto de vista do conhecimento dos textos e do saber histórico, o que confirmaria ou não as hipóteses levantadas nas pesquisas. Implica dizer que dentro dos espaços discursivos há discursos que se sobrepõem a outros e que marcas de outros discursos estão presentes no que está sendo dito.

Com o exposto, é impossível pensar o discurso sem a relação com o interdiscurso. Assim, é preciso reconhecer a presença do Outro do discurso dentro do Mesmo do discurso, o que categoriza uma relação dialógica dos enunciados.

No espaço discursivo, o Outro não é nem um fragmento localizável, uma citação, nem uma entidade exterior; não é necessário que seja localizável por alguma ruptura visível da compacidade do discurso. Encontra-se na raiz de um Mesmo sempre já descentrado em relação a si próprio, que não é em momento algum passível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma. É o que faz sistematicamente falta a um discurso e lhe permite fechar-se em um todo. É aquela parte de sentido que foi necessário que o discurso sacrificasse para constituir sua identidade (MAINGUENEAU, 2008, p. 39).

Percebe-se que esse Outro está presente até mesmo na sua ausência, naquilo que não é dito, na negação. Em outras palavras, compreender a presença do discurso Outro é muito mais do que entender o que está explícito no enunciado.

Segundo Cano (2014), os vários discursos que circulam na sociedade, não ocupam o mesmo lugar. Alguns discursos precisam estar inseridos dentro de outros discursos para que possam ser aceitos, estabelecendo uma relação interdiscursiva. Por isso, faz-se necessário pensar nas afirmações de Maingueneau (2008) sobre os discursos que se constituem automaticamente, denominados por ele de discursos paratópicos, e aqueles que precisam de outros discursos para se constituírem, denominados atópicos.

Os discursos paratópicos são o literário, o religioso, o científico e o filosófico. Esses discursos dão sentido à vida. Já os discursos atópicos não são assumidos pela sociedade, pois estão à margem, como o discurso machista, racista, homofóbico, violento etc. Os discursos atópicos, não assumidos pelos seus praticantes, precisam ser produzidos em discursos legitimados socialmente (CANO, 2014). A esses discursos que são legitimados, dá-se o nome de discursos tópicos (MAINGUENEAU, 2008).

Portanto, pontuamos que as noções de discurso que pretendemos defender neste trabalho se enquadram na dimensão do interdiscurso. Ou seja, todo discurso se constitui por meio de outros. Além disso, consideramos os discursos dentro das práticas sociais às quais se destinam.

O *corpus* constituído nesse trabalho é essencialmente do discurso jornalístico, que tem a sua prática social bem definida. Entende-se que dentro dele estão compreendidos vários outros, sejam os discursos paratópicos, sejam os discursos atópicos. Nesse sentido, passamos agora a tratar dos discursos que pretendemos analisar.

O Discurso Jornalístico

Delimitar o discurso jornalístico requer uma análise de vários outros discursos, tomando por base a perspectiva do interdiscurso. Desse modo, compreendemos que o jornal se configura, dentro do Universo Discursivo, como um local territorializado. Em outras palavras, consideramos que o discurso jornalístico se encontra em um local em que pode ser apreendido por conta das práticas sociais que o definem, no caso, o Campo Discursivo.

Nesse sentido, ao tomar as considerações de Maingueneau (2008) podemos afirmar que o discurso jornalístico, estando dentro do campo discursivo, é caracterizado como um discurso tópico, que tem um papel social e é legitimado socialmente. Isso ocorre pela característica específica desse discurso de poder mostrar como a realidade acontece (CANO, 2012).

Ainda que se configure como um discurso tópico, na dimensão do campo discursivo é possível encontrar outros discursos que fazem parte da constituição do discurso jornalístico. Discursos que não circulam livremente na sociedade podem estar presentes dentro das páginas jornalísticas, de forma mais aparente em alguns veículos e menos aparente em outros. É o caso do discurso da violência e do discurso sensacionalista.

Ademais, é preciso acrescentar, para melhor compreender os objetivos de nosso trabalho, de acordo com Amaral (2006), que existem dois tipos de jornal. Um, destinado a um público que busca uma informação que julga imparcial e que sejam relacionadas ao país ou ao mundo, e outro, que busca puro entretenimento ou notícias que estejam relacionadas diretamente a suas localidades. Sobre o primeiro, afirmamos que as notícias nunca serão imparciais. Elas sempre estarão ligadas a interesses políticos e ideológicos. Ao segundo, fazemos a mesma crítica. Os jornais destinados ao segundo público são os considerados “populares” (AMARAL, 2006). Eles trazem em seu discurso uma carga de violência, física ou moral, destinada a grupos marginalizados. Mesmo que seja uma crítica velada, contribui para que esses pensamentos sejam repercutidos.

O Discurso da Violência

A definição do termo violência está condicionada a fatores como a cultura ou o meio social em que se instalam determinadas práticas consideradas violentas. Cano afirma que a violência “toma contornos diferenciados de acordo com o grupo que a define, a época em que ocorre e a percepção das pessoas sobre os seus sentidos” (CANO, 2012, p. 25).

O discurso da violência não pode ser percebido de forma tão objetiva como o discurso jornalístico. Isso se dá porque ele se encontra embrenhado em outros discursos que o carregam. Por isso, interdiscursivamente, o discurso da violência se configura como

um discurso atópico. Sendo um discurso que não é legitimado, não é aceito pela sociedade, está à margem.

Para os objetivos do nosso trabalho, tomamos como conceito principal os atos e os estados de violência. Esses dois termos, propostos por Michaud (1989), servirão para ajudar a construir uma definição do discurso da violência.

Por *atos de violência* é possível compreender as ações perpetradas de forma física, que podem ser sentidas no corpo. São as agressões, assassinatos, roubos ou furtos etc. Todos esses delitos podem ser vistos e muitas vezes resultam em morte. Os *estados de violência* estão ligados à agressão moral e atingem principalmente as minorias (MICHAUD, 1989). São relatos ligados às classes sociais, questões de gênero, homossexualidade etc.

O Discurso Sensacionalista

Da mesma forma que traçamos um percurso de apreensão dos discursos anteriormente citados no Universo Discurso, é necessário reconhecer o lugar que ocupa o discurso sensacionalista. Assim como o discurso da violência, ele não é aceito pela sociedade. Portanto, pode ser reconhecido como um discurso atópico. Isso ocorre porque os praticantes desse discurso não se reconhecem como produtores dele.

O discurso sensacionalista se caracteriza principalmente pelo exagero. Seja na forma de linguagem adotada, seja nas imagens apresentadas para interagir com o texto, essas características contribuem para que o jornal ganhe o rótulo de sensacionalista. Com fatos geralmente relacionados a morte, sexo, violência, esses veículos de notícia são apresentados ao consumidor como forma de suprir necessidades que são por eles negadas (ANGRIMANI, 1995).

O sensacionalismo existe no jornal desde o início da imprensa. Foram dois jornais americanos que deram forma ao gênero sensacionalista: o *World* e o *Journal*. O primeiro era editado e produzido por Joseph Pulitzer. Pulitzer foi o primeiro a se valer das cores em um jornal impresso, e com notícias e ilustrações conseguia apelo popular com o tom sensacional. Já o segundo jornal pertencia a Randolph Hearst, que ousou ao empregar as mesmas características em seu jornal, ampliando-as e dando um tom ainda mais sensacional, fazendo concorrência ferrenha a Pulitzer (ANGRIMANI, 1995).

Nas capas de jornais sensacionalistas podemos observar que em quase todas há reportagens que apelam para o discurso violento. Nessas capas, as notícias ganham um tom exagerado que contribuem para o aumento dessa violência (AMARAL, 2006). Para Angrimani (1995, p. 57), “uma das críticas mais comuns, que se faz contra os jornais sensacionalistas, deduz que esse gênero de imprensa apanha um acontecimento parcial e cotidiano, amplia-o, e assim estaria colaborando para a reprodução da violência”.

Muitas notícias sensacionalistas estão ligadas também a tabus. O tabu por ser definido como “uma proibição que não se justifica racionalmente, mas que é regra num grupo social dado” (CAZENEUVE, 1958 apud ANGRIMANI, 1995, p. 60). Angrimani exemplifica algumas formas de tabu que se apresentam em notícias sensacionalistas: as perversões, o fetiche, o sadomasoquismo, a zoofilia, entre tantas outras. Cabe dizer que atos como a homossexualidade, o fetiche e o sadomasoquismo são situados como

perversões exclusivamente pelos jornais sensacionalistas. Não pretendemos corroborar os mesmos pensamentos, mas compreender o discurso que desloca esses atos para algo incomum.

Diante de todas essas abordagens às quais se presta um veículo sensacionalista, entende-se que o que caracteriza esse discurso é, principalmente, a forma de linguagem adotada. É claro que não se deve colocar de lado o apelo chamativo das cores, das imagens, mas é preciso dar evidência a forma de linguagem que se adota. Angrimani diz que a linguagem sensacionalista é clichê, porque “rompe a couraça protetora e provoca emoções no receptor” (ANGRIMANI, 1995, p. 108).

Portanto, partindo da premissa do interdiscurso e do viés que será dado a este trabalho, pretendemos evidenciar como o discurso sensacionalista e o discurso da violência, que são atópicos, se enquadram dentro do discurso jornalístico, tópico. Os dois primeiros se configuram como o nosso Espaço Discursivo a ser abordado dentro do Campo Discursivo do discurso jornalístico.

Análise

O *corpus* constituído é proveniente das capas e das notícias do Jornal Super Notícia, vendido no estado de Minas Gerais a preço acessível, o que faz dele um jornal com grande alcance, principalmente entre o público de menor poder aquisitivo. O veículo carrega uma série de características voltadas para o discurso violento e para o discurso sensacionalista.

Serviram de base os estudos de Dominique Maingueneau para tratar as problemáticas do discurso, Michaud (1989) para tratar o discurso da violência, Dias (2003), Amaral (2006) e Angrimani (1995) para tratar das problemáticas do discurso jornalístico e do discurso sensacionalista.

O período temporal delimitado foi o dos meses de maio e junho do ano de 2017. Depois de serem acompanhadas todas as edições do jornal, foram retiradas três manchetes de capa para que fossem analisadas as características sensacionalistas e violentas. Somando-se às capas, trechos das notícias foram destacados para que os processos sensacionalistas fossem discutidos. Para organizar a análise, adotamos três critérios de classificação do sensacionalismo por meio de: linguagem popular, tabus e apelo emocional. Essas classificações são feitas tendo por base Dias (2003), Amaral (2006) e Angrimani (1995).

O sensacionalismo por meio da linguagem popular

Para Dias (2003, p. 110), “a imprensa popular expressa-se como povo”. Nessa construção da manchete (figura 1), os editores tentam envolver o leitor pela construção de um enunciado com vocábulos considerados populares. Por meio do interdiscurso, um discurso do meio popular se faz presente dentro do jornal para que ele constitua o seu modo de dizer. O vocábulo “bonde” corresponde a uma expressão utilizada pela grande massa da população para designar grupos populares ou, ainda, os grupos de funk que fizeram sucesso em meados dos anos 2000.

Figura 1: Capa 06 de junho de 2017.



Fonte: Super Notícia

(2017).

“Rolex”, na manchete, ainda coenunciadores a

empregado entre aspas pode associar os sentidos como “rolê”,

um passeio entre grupos de amigos. Outro sentido possível é o de que esse vocábulo faça referência à marca de relógios, que pode ser o verdadeiro sentido que a manchete pretende passar. O uso de palavras que causam duplo sentido dá um alcance maior para que possam ser invocadas sensações ou emoções, tornando-as mais atrativas.

A busca por palavras de uso popular são uma constante nas publicações com caráter sensacionalista, por conta da proximidade que pretende ser estabelecida com o leitor (DIAS, 2003). Ao ler a notícia, percebe-se que não só a construção da manchete, mas, também, o texto da notícia corresponde a estratégias sensacionalistas, como o início:

Esqueça os roubos de celulares e de carteiras e as saidinhas de banco. Para uma quadrilha que atua em Belo Horizonte, o ‘rolê’ é mais lucrativo. Por conta desse crime, dois homens foram presos, e um terceiro está foragido [...]. (Fonte: Super Notícia, 2010)

A chamada inicial, para que sejam esquecidos roubos comuns, faz com que o leitor se aproxime da notícia e se sinta, de alguma forma, menos atingido pela violência. Dias (2003, p. 63) afirma que a aproximação dos jornais sensacionalistas da linguagem popular tem o “objetivo de tornar sua leitura, de certa forma, uma continuação da própria conversação do dia-a-dia, daí o fenômeno do envolvimento”.

Assim, são apresentadas nas notícias características sensacionalistas e violentas. Por meio do interdiscurso, o discurso jornalístico construído é impregnado do discurso sensacionalista e violento. Além disso, é o próprio discurso sensacionalista que produz um estado de violência que pode ser constatado pelo exagero e pela necessidade em criar uma aproximação com fato narrado. Isso, de certa forma, produz uma caracterização de uma violência que é vivenciada pelos leitores no dia a dia.

O sensacionalismo por meio do apelo emocional

Figura 2: Capa 21 de maio de 2017.



Fonte: Super Notícia (2017).

Nesse caso, em específico, não se trata de um ato de violência proposital. A carga sensacional dessa manchete de capa se instala no fato de trazer como notícia o pai, policial, que atira no próprio filho bebê, causando um efeito sensacionalista pela carga emotiva.

A carga sensacionalista da notícia se intensifica quando um comerciante dá o seu depoimento dizendo que o policial é uma pessoa querida naquela comunidade. Cria-se, assim, uma possibilidade de sentimento de compaixão dos coenunciadores para com os envolvidos.

Está todo mundo chocado. É muito triste, mas ele é o melhor policial que tem na cidade, sabe? Todo mundo é doido com ele. Um homem íntegro e do bem. Depois do que aconteceu ele está morto. Ele era um ótimo pai, doido com o filho dele. Ele morreu. É inacreditável. (SUPER NOTÍCIA, 2017)

O discurso construído pelos jornalistas para apresentar o depoimento do comerciante faz uso de uma marca da conversação. Trata-se da transcrição da fala de um comerciante, caracterizando a presença de um discurso outro que não é de responsabilidade do jornal. A permanência de “sabe?”, consiste em uma estratégia para manter o envolvimento.

O discurso sensacionalista não precisa necessariamente focar em questões de violência. Estratégias de apelo emocional contribuem para a construção desse discurso. Tais estratégias não estão diretamente ligadas apenas aos fatos narrados, mas também à utilização da linguagem escolhida. Para Dias (2003, p. 128), “a eficácia da linguagem [...] não está necessariamente vinculada à sua função referencial, mas a faculdade de comover, de encontrar ressonância nas emoções de seus leitores”.

A cena de violência, embora sem a intenção, é destacada dos acontecimentos da sociedade para ser o centro dos olhares dos leitores. Da intensificação por meio da forma como se conta do disparo acidental, vamos para os personagens: o pai, policial militar, e filho. Pelo depoimento, intensifica-se o amor do pai em relação ao filho. Desse modo, o interdiscurso atua ao explorar o acontecimento com essa marca de sensacionalismo provocando o estado de violência contra os mesmos personagens que já estão em uma cena de sofrimento.

O sensacionalismo por meio dos tabus

Figura 3: Capa 10 de maio de 2017.



Fonte: Super Notícia (2017).

Segundo Cazeneuve (1958 apud. ANGRIMANI, 1995), o canibalismo pode ser considerado um tabu por estar fora das práticas que são consideradas aceitáveis. Aquele que quebra o tabu é visto como alguém impuro, perigoso, que merece ser excluído. O sensacionalista faz uso de notícias sobre tabus de maneira a destacá-las. O canibalismo é um ato visto como inusitado, selvagem e, em certo ponto, incompreensível, por isso merece a atenção e destaque no sensacionalismo reproduzido pelo jornal (ANGRIMANI, 1995).

A chamada de capa faz referência a uma briga em que pai e filho são os principais envolvidos. Movido pela raiva, o filho arranca uma parte do lábio inferior do pai e engole. Nota-se que, na leitura da notícia, o filho não comeu todo o lábio, mas sim uma parte, o que demonstra um exagero na construção da manchete por meio de uma hipérbole.

Junto ao texto, há duas fotos: A primeira (Figura 4) é do pai com parte do lábio arrancado. No jogo de imagem e texto, o sensacionalismo se amplia e faz com que os leitores sintam um estranhamento, uma revolta com o ato. Essa imagem também serve como uma forma de matar a curiosidade do leitor em saber como ficou o lábio depois de arrancada uma parte. A segunda imagem (Figura 5) é do filho, que aparece deitado nos bancos da delegacia para onde foi levado em uma posição de desalento.

Figura 4: Imagem do pai com parte do lábio arrancado.



Fonte: Super Notícia (2017)

Figura 5: Filho na delegacia.



Fonte: Super Notícia (2017).

A notícia tem três momentos. O primeiro que choca pelo tom inusitado e violento; o segundo que faz uma chacota do ato e dos envolvidos ao fazer referência da confusão com o uso do vocábulo “cachorrada”; e o último que traz uma inversão do filho que cometeu o ato, como se ele passasse de culpado a vítima.

O texto se inicia de forma convencional para os textos jornalísticos, dando informações como nome dos envolvidos e local dos acontecimentos.

Gonçalves e o filho, Laudinei Junior, de 25 anos, começaram a se agredir fisicamente e se morderam ao mesmo tempo. Enquanto Junior optou por atingir o lábio inferior do pai, Gonçalves provocou um corte no lábio superior do filho. ‘A companheira do senhor Laudinei, mãe do jovem, tentou separar a briga, mas acabou sendo agredida e precisou receber atendimento médico’, explicou o militar.

A dona de casa levou socos na cabeça e foi encaminhada a uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) [...]. De acordo com o tenente Santos, uma equipe estava empenhada em outra ocorrência quando ficou sabendo da ‘cachorrada’ em família. (SUPER NOTÍCIA, 2017)

A construção pela qual o jornal optou faz pensar em uma desordem familiar, pois há uma descrição minuciosa das ações durante o confronto, o que acaba causando um estado de violência, pois há uma ideia de família em desordem, sem lei. Essas escolhas são próprias do discurso sensacionalista que amplia e exagera o fato nos seus mínimos detalhes (AMARAL, 2006).

Partindo do campo discursivo do discurso jornalístico, podemos considerá-lo um discurso tópico que, como já pontuamos, é legitimado socialmente e tem as suas funções sociais. Contudo, há no jornal Super Notícia uma demonstração de níveis atópicos que são preenchidos pelo discurso sensacionalista e pelo discurso da violência. Essa afirmação pôde ser constatada em todas as três manchetes de capa apresentadas. Portanto, na perspectiva interdiscursiva, o espaço discursivo no qual pretendemos trabalhar, do discurso sensacionalista e violento, coloca-se preenchido de forma não tão perceptível por meio de todas as suas características como as escolhas lexicais, intensificação dos fatos e abordagens incomuns.

Considerações finais

Tratar do discurso sensacionalista é uma questão um tanto quanto polêmica. É bem verdade que esse tipo de discurso não é aceito pela sociedade, mas as discussões do trabalho mostraram que esse discurso existe e circula de maneira pouco perceptível.

Foi possível verificar que o interdiscurso está presente na construção do discurso jornalístico, como é natural de qualquer outro discurso. Assim, por se tratar de um discurso tópico, que possui as funções sociais, ele é permeado de outros discursos que não podem circular livremente na sociedade, são os chamados discursos atópicos. No caso específico deste trabalho, constatamos que o jornal Super Notícia possui as características inerentes ao discurso sensacionalista e ao discurso violento, que dão forma ao discurso jornalístico, de maneira interdiscursiva.

Os fatos relatados pelo Super Notícia são questões de interesse local ou fatos muito fora do comum e que não seriam relatados em um jornal de referência. Dentro desses fatos incomuns, há uma carga violenta grande, tanto quando são considerados os atos de violência quanto os estados de violência.

Valendo-se de enunciados que apelam para o exagero e a intensificação das emoções, o veículo traz estratégias que são capazes de envolver o leitor. Isso ocorre por conta de construções que apelam para o inusitado, como no caso do filho que comeu parte do lábio do pai; para fatos que beiram o ficcional. Os leitores sentem-se chamados a consumir esse tipo de jornal por todos esses artifícios e, dessa forma, são levados a sentirem-se próximos dos relatos. As estratégias, como as escolhas lexicais, também se somam a esses atributos para que a construção sensacionalista e violenta tenha maior eficácia.

Em suma, pode-se concluir que os artifícios do interdiscurso utilizados para construir o discurso jornalístico contribuem para a circulação de discursos que não são aceitos pela sociedade. Assim, os discursos tópicos possuem essa característica específica de serem perpassados por esses discursos que não são assumidos e que são vistos com olhares de estranheza quando estão em uma dimensão mais perceptível. Os discursos analisados, o sensacionalista e o violento, não são aceitos pela sociedade, por isso precisam estar dentro de outros discursos para que possam circular, compreendendo-se em uma relação interdiscursiva, que representa a base de todos os discursos e que possuem funções sociais bem delimitadas.

Referências

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

ANGRIMANI-SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

CANO, Márcio Rogério de Oliveira. **A manifestação dos estados de violência no discurso jornalístico**. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa), Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), São Paulo, 2012. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/14239>. Acesso em: 15 abr.

2020.

CANO, Márcio Rogério de Oliveira. A literatura e a violência: um encontro no discurso jornalístico. In: SANTOS-FILHO, Iveraldo Oliveira dos; NASCIMENTO, Maria Eliza Freitas do; BARBOSA, Maria do Socorro Maia F. (org). **Análise do discurso: mídia, poder e heterogeneidade**. João Pessoa: Marca da Fantasia, 2014. p. 223-258.

DIAS, Ana Rosa Ferreira **O discurso da violência**: as marcas da oralidade no jornalismo popular. 2. Ed., São Paulo: Cortez, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **A análise do discurso e suas fronteiras**. Matraga, Rio de Janeiro, v. 14, n. 20, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. O Primado do Interdiscurso. In: MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sirio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**; Tradução de Sirio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.

MARCONDES-FILHO, Ciro. **O capital da notícia**. 2. Ed., São Paulo: Ática, 1997.

MICHAUD, Yvis. **A violência**. Tradução de I. Garcia. São Paulo: Ática, 1989.